

Um dos ramos originais da teologia, a angelologia é alvo da investigação do angelologista, cuja competência agrega quer o estudo teórico dos sistemas angelicais, quer a sua manifestação profética no decorrer da história da humanidade.

Caverna da Garganta do Diabo, Montanhas Rhodope, Bulgária

Inverno de 1943

Os angelologistas examinaram o corpo. Estava intacto, sem sinais de decomposição, a pele tão macia e branca como pergaminho. Os olhos verde-azulados sem vida fitavam o céu. Caracóis claros caíam-lhe sobre a testa alta e os ombros esculturais, formando um halo de cabelo dourado. Até mesmo a indumentária — o tecido dum material metálico branco reluzente que nenhum deles conseguia identificar com precisão — mantinha-se imaculada, como se a criatura tivesse falecido na sala dum hospital parisiense e não numa caverna situada nas profundezas da Terra.

O facto de terem encontrado o anjo naquele estado de conservação não deveria ter constituído grande surpresa para eles. As unhas dos dedos das mãos, nacaradas como o interior da concha duma ostra; o ventre liso e desprovido de umbigo; a translucidez fantasmagórica da pele — tudo naquela criatura correspondia às suas expectativas, até a posição das asas estava correcta. Todavia, era demasiado encantadora, demasiado vital relativamente àquilo que tinham vindo a estudar em bibliotecas abafadas, com reproduções de pinturas do século XV espalhadas diante deles como se fossem mapas rodoviários. Toda a sua vida profissional tinham estado à espera daquele momento. Pese embora nenhum deles se dignasse a admitir tal coisa, alimentavam a secreta esperança de deparar com um cadáver monstruoso, todo ele só ossos e restos de fibras, como se tivesse sido desenterrado duma escavação arqueológica. Ao invés, tinham descoberto aquilo: uma mão esguia e

delicada, um nariz aquilino, lábios rosados comprimidos num beijo petrificado. Os angelologistas puseram-se a andar de volta do corpo, fitando-o de cima em grande expectativa, como se estivessem à espera de que a criatura pestanejasse e regressasse à vida.

A PRIMEIRA ESFERA

*A ti esta história se refere,
Que buscas conduzir a mente
Ao dia mais alto,
Pois todo aquele que conseguir alcançá-la
Se olhar para trás,
Para a caverna tartárea,
Seja qual for a excelência que levar consigo,
Perdê-la-á ao olhar para baixo.*

Boécio, *Consolação da Filosofia*

*Convento de Santa Rosa, Vale do Rio Hudson, Milton,
Nova Iorque*

23 de Dezembro, 1999, 4h45m

Evangeline acordou antes do nascer do Sol, ainda o terceiro piso do convento se achava escuro e silencioso. Sem fazer barulho, a fim de não acordar as irmãs que tinham estado a noite inteira a rezar, agarrou nos sapatos, nas meias e na saia e foi descalça até aos lavabos colectivos. Vestiu-se rapidamente, ainda sonolenta, sem se ver ao espelho. Por uma fresta da janela da casa de banho, perscrutou os jardins do convento, envoltos numa neblina a anteceder a alvorada. Um amplo pátio coberto de neve estendia-se até à beira-rio, onde uma barreira de árvores despidas bordejava o Hudson. O Convento de Santa Rosa empoleirava-se precariamente próximo do rio, tão próximo que, à luz diurna, pareciam existir dois conventos — um em terra, e outro a pairar levemente sobre as águas, o primeiro a desdobrar-se no segundo, uma ilusão desfeita no Estio pelas barcas e, no Inverno, pelas farpas de gelo. Evangeline contemplou o rio a flutuar, uma extensa faixa negra a deslizar contra a neve alva e pura. Em breve, a manhã chegaria para dourar a água de sol.

Debruçada sobre o lavatório de porcelana, molhou a cara com água fria, dissipando os resquícios dum sonho. Não era capaz de se lembrar do sonho, apenas da impressão que lhe deixara — um rasto de mau presságio que lhe ensombrava os pensamentos, uma sensação de abandono e atordoamento que não conseguia explicar. Sonolenta, despiu a pesada camisa de noite de flanela e, sentindo o frio dos lavabos, teve um arrepio. Com as cuecas brancas de algodão e a camisa interior de algodão vestidas (peças de vestuário

normalizado encomendadas por atacado e distribuídas duas vezes ao ano entre todas as irmãs do Convento de Santa Rosa), mirou-se ao espelho com um olhar analítico e avaliador — os braços e as pernas finos, o ventre liso, o cabelo preto despenteado, o pingente de ouro pousado sobre o esterno. O reflexo que pairava no espelho à sua frente mostrava-lhe uma jovem sonolenta.

Evangeline levou uma mão ao fio de ouro e sentiu-lhe o calor contra a sua pele. O pingente, uma minúscula lira de ouro, pertencera à mãe dela, Angela Valko DeFlorian, e viera parar à posse de Evangeline após o falecimento daquela. Embora o pingente fosse muito bonito, a lira antiga trabalhada em ouro puro, para Evangeline, o seu valor era meramente sentimental. A avó, Gabriella Lévi-Franche Valko, oferecera-lhe o colar depois da morte da mãe. Durante o funeral, Gabrielle levava Evangeline até a uma pia de água benta e, depois de passar o pingente ligeiramente por água limpa, prendera-lhe o colar ao pescoço. Aproximando-se mais dela, com a fragrância do seu perfume a sobrepujar os sentidos de Evangeline, Gabrielle mostrara à neta uma lira idêntica que ela própria trazia ao pescoço. «Promete-me que a usarás sempre, noite e dia, tal qual a Angela a usou.» A avó pronunciava o nome da mãe de Evangeline com uma entoação melodiosa, engolindo a primeira sílaba e enfatizando a segunda: *An-gel-la*. Ela preferia a pronúncia da avó a todas as demais e, em miúda, aprendera a imitá-la na perfeição. Gabrielle era uma mulher seca e intelectual, elegante e severa, que usava fatos de corte bem vincado, como se estivesse pronta para uma reunião de negócios. De cada vez, sem exceção, que Evangeline visitava a avó, encontrava-a sempre extremamente composta, calma e metódica, adornada com jóias duma elegância discreta. Contudo, havia anos que Evangeline não via a avó. À semelhança dos pais, Gabriella transformara-se em pouco mais que uma recordação intensa. O pingente, porém, pesava-lhe de forma substancial contra a pele, uma ligação sólida à mãe e à avó.

Evangeline teve novo arrepio devido à corrente de ar fria e concentrou-se na sua indumentária. Possuía cinco saias pretas idênticas pelo joelho, sete camisolas pretas de gola alta para os meses de Inverno, sete camisas de algodão de manga curta e botões até cima

para o Verão, um pulôver preto de lã, quinze conjuntos de roupa interior branca de algodão e um sem-fim de meias pretas de *nylon*: nem mais nem menos que o imprescindível. Enfiou uma camisola de gola alta e pôs uma fita de veludo em volta do cabelo preto curto, segurando-a com firmeza na testa antes de prender o véu preto com a ajuda de ganchos. Vestiu um par de meias de *nylon* e uma saia preta de lã, abotoando-a, correndo o fecho e endireitando as rugas num movimento rápido e automático. Numa fracção de segundos, a sua identidade privada desapareceu e ela transformou-se na Irmã Evangeline, Irmã Franciscana da Adoração Perpétua. Com o rosário na mão, a metamorfose ficou completa. Depositou a camisa de noite no cesto ao fundo dos lavabos e preparou-se para enfrentar o novo dia.

Havia meia década, desde que, aos dezoito anos de idade, concluíra a sua formação e professara os votos, que, diariamente, a Irmã Evangeline observava a hora de oração das cinco da madrugada. Contudo, residia no Convento de Santa Rosa desde os doze, e conhecia a instituição tão bem como se conhece o temperamento dum amigo querido. Conhecia o seu percurso matinal através do recinto até ao mais ínfimo pormenor. À medida que descia cada piso, os seus dedos iam deslizando pelos corrimões, os sapatos de sola de borracha mal pisando os patamares. Àquela hora, o convento achava-se sempre deserto, repleto de sombras azuladas que lhe davam um ar sepulcral; todavia, depois do nascer do Sol, Santa Rosa iria ficar fervilhante de vida, uma colmeia de trabalho e devoção, cada sala irradiante de actividades devocionais e oração. O silêncio não tardaria a amainar — as escadarias, as salas colectivas, a biblioteca, o refeitório, assim como as dúzias de celas do tamanho de roupeiros em breve ficariam enxameados de irmãs.

Desceu três lanços de escadas a correr. Seria capaz de chegar à capela de olhos fechados.

Ao chegar ao rés-do-chão, a Irmã Evangeline dirigiu-se ao imponente corredor central, a espinha dorsal do Convento de Santa Rosa. Pendurados ao longo das paredes, viam-se retratos emoldurados de abadessas havia muito falecidas, irmãs notáveis, para além das várias encarnações do próprio edifício do convento. Cente-

nas de mulheres olhavam fixamente das molduras, recordando a cada irmã que por ali passava a caminho da oração que fazia parte dum matriarcado nobre e ancestral onde todas as mulheres — tanto as vivas como as falecidas — se achavam interligadas numa única missão comum.

Embora soubesse que se arriscava a chegar atrasada, a Irmã Evangeline deteve-se a meio do corredor. Ali, deparou com a imagem de Rosa de Viterbo, a santa que dera nome à instituição, envolta numa moldura dourada, as mãos pequeninas entrelaçadas em oração, um halo luminoso evanescente a reluzir-lhe em volta da cabeça. A vida de Santa Rosa fora curta. Pouco tempo decorrido sobre o seu terceiro aniversário, os anjos começaram a sussurrar-lhe, instando-a a transmitir a sua mensagem a todos quantos se dispusessem a ouvi-la. Rosa assim fez, atingindo a santidade ainda jovem quando, depois de pregar a bondade de Deus e dos Seus anjos perante uma aldeia pagã, foi acusada de bruxaria e condenada a morrer na fogueira. Os aldeões ataram-na a uma estaca e deitaram-lhe fogo. Para grande consternação da assistência, Rosa não se incendiou, ficando três horas envolta nas labaredas, conversando com os anjos enquanto as chamas lhe lambiam o corpo. Houve quem se convencesse de que os anjos se tinham colocado à volta da rapariga, revestindo-a com uma armadura límpida e protectora. Rosa acabou por morrer na fogueira, contudo, a intervenção miraculosa deixou o seu corpo inviolável. O cadáver incorrupto de Santa Rosa foi exibido pelas ruas de Viterbo centenas de anos decorridos sobre a sua morte, sem que o seu corpo adolescente denotasse o mais ténue vestígio da provação sofrida.

Lembrando-se das horas, a Irmã Evangeline desviou a sua atenção do retrato. Encaminhou-se até ao fundo do corredor, onde uma enorme portada de madeira com cenas da Anunciação entalhadas separava o convento da igreja. Dum dos lados da fronteira, estava a Irmã Evangeline e a simplicidade do convento; do outro, elevava-se a majestade da igreja. Ouviu o barulho dos seus passos a ganhar nitidez no momento em que abandonou a alcatifa e pisou o mármore rosa-pálido nervurado de verde. O movimento de transposição da soleira exigiu-lhe um único passo; a diferença, porém, foi

imensa. A atmosfera ficou carregada de incenso, e a luz, saturada do azul das janelas de vitral. As paredes brancas de estuque deram lugar a grandes revestimentos de pedra. O tecto alcandorou-se. Os seus olhos adaptaram-se à profusão dourada de neo-rococó. No momento em que saiu do convento, os compromissos de Evangeline para com a comunidade e a caridade desvaneceram-se, e ela penetrou na esfera do divino: Deus, Maria e os anjos.

Nos seus primeiros anos em Santa Rosa, a quantidade de imagens angelicais na Igreja de Maria Angelorum afigurava-se-lhe excessiva. Em miúda, achava-as opressivas, demasiado omnipresentes e trabalhadas. As criaturas preenchiam cada fresta e cada recanto da igreja, deixando espaço livre para pouco mais. A abóbada central estava orlada de serafins; arcanjos de mármore sustentavam os cantos do altar. As colunas tinham halos dourados, trombetas, harpas e asas minúsculas embutidos; rostos entalhados de *putti* fitavam quem por ali passava das extremidades dos bancos corridos, tão hipnotizantes e compactos como morcegos da fruta. Não obstante ela compreendesse que a opulência constituía uma oferta ao Senhor, um símbolo da devoção das irmãs, no seu íntimo, Evangeline preferia a funcionalidade simples do convento. Durante a sua formação, desenvolvera uma atitude crítica relativamente às irmãs fundadoras, interrogando-se por que motivo não tinham aplicado uma riqueza tamanha em fins mais beneméritos. Todavia, a exemplo de tantas outras coisas, as suas objecções e preferências tinham sofrido uma alteração desde que tomara o hábito, como se a própria cerimónia de investidura tivesse operado nela uma fusão, por muito ligeira que fosse, e a tivesse dotado duma forma renovada e mais uniforme. Ao fim de cinco anos como freira professora, já quase não havia sinal da rapariga que em tempos fora.

A Irmã Evangeline deteve-se a fim de embeber o dedo na pia da água benta e benzer-se (testa, coração, ombro esquerdo, ombro direito), entrou na estreita basílica românica, passou pelas catorze Estações da Cruz, pelos bancos corridos de costas direitas e carvalho-americano e pelas colunas de mármore. Tendo em conta a escassez de luz àquela hora, Evangeline seguiu pela ampla nave central até à sacristia, onde eram conservados os cálices, os sinos e as

vestes, a aguardar a missa. Ao fundo da sacristia, chegou a uma porta. Respirando fundo, Evangeline fechou os olhos, como a prepará-los para uma luminosidade mais forte. Pousou uma mão na maçaneta fria de bronze e, com o coração a martelar-lhe no peito, empurrou a porta.

A Capela da Adoração abriu-se ao seu redor, irrompendo diante dela. As paredes cintilavam de dourado, dando-lhe a impressão de ter acabado de entrar num ovo russo esmaltado. A capela privada das Irmãs Franciscanas da Adoração Perpétua possuía uma cúpula central elevada e enormes janelas de vitral que preenchiam cada uma das paredes. A principal obra-prima da Capela da Adoração era um conjunto de janelas bávaras sobranceiras ao altar e que ilustravam as três esferas angelicais: a primeira esfera, constituída por serafins, querubins e rodas; a segunda esfera, pelos tronos, as virtudes e as dominações; e a terceira esfera, a das potências, dos arcanjos e dos anjos. No seu conjunto, as esferas formavam o coro divino, a voz colectiva do céu. Todas as manhãs, a Irmã Evangeline contemplava os anjos a flutuar naquela vastidão de vidro cintilante e tentava imaginar o seu brilho original, a luz pura e radiosa que se desprendia deles como calor.

A Irmã Evangeline espreitou as Irmãs Bernice e Boniface — que, todas as manhãs, entre as quatro e as cinco horas, estavam incumbidas da adoração — ajoelhadas diante do altar. As irmãs desfiavam os dedos em simultâneo pelas contas de madeira dos seus rosários de sete décadas, como se estivessem empenhadas em murmurar a derradeira sílaba da prece com tanta consciência como tinham murmurado a primeira. Era possível encontrar duas irmãs ajoelhadas lado a lado na capela a qualquer hora do dia ou da noite, os seus lábios a movimentarem-se em padrões sincronizados de oração, unidas num único propósito diante do altar de mármore branco. O objecto da adoração das irmãs achava-se guardado dentro dum ostensório ornado de raios, colocado no cimo do altar, uma hóstia branca suspensa numa explosão de dourado.

As Irmãs Franciscanas da Adoração Perpétua tinham rezado todos os minutos de todas as horas de todos os dias desde que a Madre Francesca, a abadessa fundadora, dera início à adoração,

no princípio do século XIX. Quase duzentos anos volvidos, a oração persistia, formando aquela que era a mais longa e mais persistente cadeia de oração perpétua do mundo. Para as irmãs, o tempo decorria entre a genuflexão defronte do altar, o leve tilintar das contas do rosário e o trajecto diário do convento para a Capela da Adoração. De hora a hora, chegavam à capela, benziam-se e ajoelhavam-se num gesto de humildade diante do Senhor. Rezavam à luz matinal; rezavam à luz das velas. Rezavam pela paz, e pela graça divina, e pelo fim do sofrimento da humanidade. Rezavam pela África, e pela Ásia, pela Europa e pelas Américas. Rezavam pelos mortos e pelos vivos. Rezavam pelo seu mundo tão, tão perdido.

Benzendo-se em tandem, as Irmãs Bernice e Bonifáce abandonaram a capela. As saias negras dos seus hábitos — compridas e pesadas, de corte mais tradicional que a indumentária da Irmã Evangeline, pós-Concílio Vaticano II — arrastavam-se pelo pavimento de mármore enquanto se afastavam para que o próximo par de irmãs assumisse o seu lugar.

A Irmã Evangeline deixou-se abater nas almofadas de espuma do genuflexório, cujo revestimento ainda estava quente da presença da Irmã Bernice. Dez segundos depois, a Irmã Philomena, a sua companheira diária de oração, veio reunir-se-lhe. Juntas, deram seguimento a uma oração que começara gerações atrás, uma oração que se prolongava em cada irmã da ordem como uma cadeia de esperança perpétua. Um relógio de pêndulo de ouro, pequeno e intrincado, as suas rodas e engrenagens a encaixar umas nas outras com uma regularidade suave no interior duma campânula protectora de vidro, bateu cinco vezes. Evangeline sentiu o alívio inundar-lhe o espírito: tudo na terra e no céu funcionava a horas exactas. Baixou a cabeça e começou a rezar. Eram cinco horas em ponto.

Nos anos mais recentes, Evangeline fora designada para trabalhar na biblioteca de Santa Rosa como assistente da sua companheira de oração, a Irmã Philomena. Era um cargo destituído de qualquer espécie de prestígio, disso não restava dúvida, nem por sombras comparável com o trabalho no Gabinete da Missão ou na

assistência ao Recrutamento, e não oferecia nenhuma das recompensas das obras caritativas. Como a salientar a natureza singela do cargo, o gabinete de Evangeline estava localizado na parte mais decrépita do convento, uma zona do rés-do-chão fustigada por correntes de ar, ao fundo do corredor da biblioteca propriamente dita, com canos que vertiam e janelas dos tempos da Guerra Civil, uma combinação que redundava em humidade, mofo e uma abundância de constipações todos os invernos. Aliás, Evangeline vinha nos últimos meses a ser afligida por uma série de infecções respiratórias que lhe causavam falta de fôlego e cuja origem atribuía exclusivamente às correntes de ar.

A única coisa que salvava o gabinete de Evangeline era a vista. A sua secretária era contígua a uma janela do lado nordeste dos jardins, virada para o rio Hudson. No Verão, a janela destilava, dando a impressão de que o mundo lá fora era tão húmido como uma floresta tropical; no Inverno, a janela congelava, e ela não se admiraria muito se visse aparecer por ali uma colónia de pinguins a bambolear-se. Evangeline arrancava a camada fina de gelo com um corta-papéis e deixava-se ficar a contemplar os comboios de mercadorias a deslocarem-se ao longo da margem do rio e as barcas a flutuarem nas suas águas. Da secretária, via o muro espesso de pedra que circundava os jardins, uma fronteira inexpugnável que separava as irmãs do mundo exterior. Apesar de o muro constituir um resquício datado do século XIX, época em que as irmãs viviam fisicamente isoladas da comunidade secular, continuava a ser um edifício substancial na imaginação das Irmãs Franciscanas da Adoração Perpétua. Com cerca dum metro e vinte de altura e sessenta centímetros de espessura, formava um entrave robusto entre os mundos puro e profano.

Todas as manhãs, depois da oração das cinco horas, do pequeno-almoço e da missa matinal, Evangeline instalava-se à mesa vacilante sob a janela do seu gabinete. Chamava-lhe a sua secretária, muito embora esta não tivesse nada a que se pudesse chamar gavetas nem tão-pouco se comparasse com o mogno polido da secretária do gabinete da Irmã Philomena. Apesar de tudo, era ampla e asseada, dotada de todos os apetrechos necessários. Todos os dias,

ela endireitava o mata-borrão com calendário, arrumava os lápis, ajeitava o cabelo cuidadosamente por debaixo do véu e deitava mãos ao trabalho.

Uma vez que a maior parte da correspondência que chegava ao Convento de Santa Rosa se referia à coleção de imagens angélicas — cujo principal índice era conservado na biblioteca —, a sua totalidade acabava por ir parar à secretária de Evangeline. Ela ia todas as manhãs recolher a correspondência ao Gabinete da Missão, situado no rés-do-chão, enchia uma sacola preta de algodão e regressava ao seu gabinete para separar as cartas. Cabia-lhe a ela arquivá-las segundo um sistema ordenado (primeiro, pela data, em seguida, pela ordem alfabética do apelido) e responder às questões que lhe eram colocadas no papel de carta oficial de Santa Rosa, uma tarefa que concluía sentada à máquina de escrever eléctrica do gabinete da Irmã Philomena, um espaço muito mais acolhedor com acesso directo à biblioteca.

Tratava-se duma ocupação sossegada, categórica e regular, qualidades que se adequavam a Evangeline. Aos vinte e três anos, agradava-lhe pensar que a sua aparência e carácter estavam definidos — possuía uns grandes olhos verdes, cabelo escuro, pele clara e uma atitude contemplativa. Depois de professar os últimos votos, optara por um vestuário preto e simples, um uniforme que conservaria até ao fim da vida. Não usava qualquer espécie de adornos, à excepção, claro estava, do seu pingente de ouro. Pendurada do fio de ouro, a lira brilhava em contraste com a camisola de gola alta preta como se lhe tivessem puxado o lustro.

Evangeline soltou um suspiro e ordenou a correspondência do dia disposta à sua frente. Chegara a altura de deitar mãos ao trabalho. Escolheu uma carta, abriu o envelope com a lâmina prateada do corta-papéis, bateu levemente com as páginas dobradas no tampo da mesa e começou a lê-las. Percebeu de imediato que não se tratava do género de carta que costumava abrir. Não começava, à semelhança do que acontecia com a maior parte da correspondência endereçada ao convento, felicitando as irmãs pelas duas centenas de anos consagradas à adoração perpétua, nem pelas suas inúmeras obras de beneficência, nem sequer pela sua dedicação ao

espírito da paz mundial. Nem tão-pouco incluía um donativo ou a promessa de lembrança num testamento. A missiva começava de forma abrupta, com um pedido:

Prezado Representante do Convento de Santa Rosa,

No decorrer dum processo de investigação a pedido dum cliente particular, chegou à minha atenção que Mrs. Abigail Aldrich Rockefeller, matriarca da família Rockefeller e patrona das artes, poderá ter tido uma breve troca de correspondência com a abadessa do Convento de Santa Rosa, a Madre Innocenta, nos anos de 1943-1944, quatro anos antes do falecimento de Mrs. Rockefeller. Entrei recentemente na posse duma série de cartas da Irmã Innocenta que sugerem a existência duma relação entre ambas. Visto que não consigo encontrar qualquer referência a tal relação em qualquer obra académica a respeito da família Rockefeller, decidi escrever-lhe a perguntar se os documentos da Irmã Innocenta foram arquivados. A ser assim, gostaria de pedir autorização para visitar o Convento de Santa Rosa a fim de os consultar. Asseguro-lhe que não abusarei do seu tempo e que o meu cliente está disposto a cobrir todas as despesas. Os meus agradecimentos antecipados pelo auxílio prestado neste âmbito.

Atentamente,
V.A. Verlaine

Evangeline leu a carta uma segunda vez e, ao invés de a arquivar segundo o método corrente, encaminhou-se de imediato para o gabinete da Irmã Philomena, pegou numa folha de papel de carta da pilha que esta tinha em cima da secretária, inseriu-a no rolo da máquina de escrever e, com mais vigor que de costume, dactilografou:

Prezado Mr. Verlaine,

Embora o Convento de Santa Rosa nutra um enorme respeito por todas as iniciativas de investigação histórica, é nossa política actual recusar o acesso aos nossos arquivos e à nossa colecção de imagens angelicais para fins de investigação particular ou de publicação. Por favor, aceite as nossas mais sinceras desculpas, com a graça divina,

Evangeline Angelina DeFlorian,
Convento de Santa Rosa

Evangeline assinou no final da missiva, carimbou a carta com o selo oficial do convento, dobrou-a e inseriu-a dentro dum envelope. Depois de dactilografar a morada da cidade de Nova Iorque no mesmo, colou-lhe um selo do correio e depositou a carta na pilha de correspondência a ser enviada, em equilíbrio na beira da mesa do tampo polido, a aguardar que Evangeline a levasse para a estação do correio de New Paltz.

Talvez a resposta se afigurasse intransigente aos olhos de algumas pessoas, mas a verdade era que a Irmã Philomena lhe dera ordens específicas para negar o acesso aos arquivos a todos os investigadores amadores, cujas fileiras pareciam vir a engrossar nos últimos anos devido à loucura da Nova Era pelos anjos-da-guarda e afins. Aliás, fazia agora seis meses, Evangeline recusara o acesso a um autocarro turístico cheio de adeptos do género. Não gostava de fazer discriminações entre os visitantes, mas as irmãs tinham um certo orgulho nos seus anjos e não lhes agradava ver a sua missão séria trazida a público por amadores munidos de cristais e baralhos de *tarot*.

Evangeline dirigiu um olhar de satisfação à pilha das cartas. Nessa tarde, iria enviá-las pelo correio.

Subitamente, estranhou qualquer coisa no pedido de Mr. Verlaine. Retirou a carta do bolso da saia e leu uma vez mais a frase que dizia que era provável que Mrs. Rockefeller se tivesse correspondido durante um breve período com a abadessa do Convento de Santa Rosa, a Madre Innocenta, nos anos de 1943-1944.

A data apanhou Evangeline de surpresa. Em 1944, tivera lugar em Santa Rosa um acontecimento trágico, um acontecimento tão dramático na história do convento que teria sido impossível fechar os olhos à sua importância. Evangeline percorreu a biblioteca, passou por mesas de carvalho adornadas com pequenos candeeiros de leitura até chegar a uma porta metálica corta-fogo situada ao fundo da divisão. Retirou um molho de chaves do bolso e destrancou os arquivos. Seria possível, interrogou-se enquanto empurrava a porta para a abrir, que os acontecimentos de 1944 estivessem dalguma forma relacionados com o pedido de Mr. Verlaine?

Tendo em conta a quantidade de informações que os arquivos continham, o espaço que lhes estava reservado na biblioteca era

mísero. A divisão esconsa achava-se revestida de prateleiras de metal, ao longo das quais se viam caixas de documentos dispostas com esmero. O sistema era simples e organizado: os recortes dos jornais eram conservados nas caixas do lado esquerdo do arquivo; a correspondência do convento e documentos pessoais, como, por exemplo, cartas, diários e trabalhos ilustrativos das irmãs entretanto já falecidas, do lado direito. Cada caixa tinha uma etiqueta com o respectivo ano e fora colocada na prateleira por ordem cronológica; 1809, o ano da fundação do Convento de Santa Rosa, dava início à procissão, e o ano actual, 1999, assinava-lhe o fim.

Evangeline conhecia bem o conteúdo dos artigos dos jornais, uma vez que a Irmã Philomena a incumbira da tarefa laboriosa de guardar as delicadas folhas impressas dentro de acetatos transparentes. Após uma infinidade de horas a aparar, a catalogar e a arquivar os artigos em caixas de cartão não-clorado, a sua incapacidade de as localizar de imediato causava-lhe um desgosto considerável.

Todavia, quando finalmente conseguiu localizar três caixas etiquetadas com o ano de 1944, recordou-se de forma exacta, nítida e pormenorizada do acontecimento que tivera lugar no início daquele ano: um incêndio ocorrido nos meses de Inverno destruíra grande parte dos pisos superiores do convento. Evangeline guardara uma fotografia amarelecida do convento, com o telhado consumido pelas chamas, o pátio coberto de neve repleto de camiões *Seagrave* antiquados dos bombeiros, enquanto centenas de freiras vestidas com hábitos de sarja — indumentárias que não diferiam em grande medida das que as Irmãs Bernice e Boniface ainda usavam — assistiam à destruição do seu lar.

Evangeline ouvira histórias acerca do incêndio às Freiras Anciãs. Num dia gélido de Fevereiro, centenas de freiras trémulas de frio tinham estado no recinto coberto de neve a ver o convento desaparecer. Um grupo de irmãs mais afoitas decidira entrar lá, através da escadaria da ala oriental — o único acesso que ainda se encontrava a salvo das chamas —, e atirara pelas janelas do terceiro andar tantas camas de ferro, secretárias e roupa de cama quantas conseguiam, na tentativa óbvia de resgatar aquilo que de mais precioso

possuíam. Não tardou, o pátio ficou pejado de molas de cama retorcidas, colchões encharcados de água, secretárias partidas e livros danificados pelo fogo. A colecção de canetas de tinta permanente do convento, guardada dentro duma caixa de metal, também fora atirada para o pátio. A caixa fendera-se ao atingir o solo gelado, projectando tinteiros pelos ares como se fossem granadas. Os tinteiros tinham-se despedaçado com o impacte da queda, explodindo pelo chão em enormes rebentamentos de borões coloridos, feridas vermelhas, negras e azuis que se mesclavam com a neve.

Escassos minutos decorridos sobre a sua detecção, o incêndio propagara-se através da ala principal do convento, varrendo a sala de costura, devorando peças inteiras de musselina preta e algodão branco, em seguida passara à sala dos bordados, onde incinerara os trabalhos de bordados e de renda inglesa que as irmãs tinham reservado para vender no bazar da Páscoa, chegando por fim aos armários de trabalhos ilustrados cheios de papel de seda de todas as cores do arco-íris transformado em junquinhos, narcisos e centenas de rosas multicoloridas. A lavandaria, uma divisão imensa onde máquinas de lavar e secar roupa manuais de tamanho industrial e ferros de engomar aquecidos a carvão laboravam incansavelmente, foi completamente devorada pelas chamas. Os frascos de lixívia explodiram, alimentando o fogo e libertando fumos tóxicos através dos pisos inferiores. Cinquenta hábitos de sarja acabados de lavar e passar desvaneceram-se num ápice. Quando, ao final da tarde, o incêndio se reduzira a uma correnteza lenta e fumegante de fumo, Santa Rosa não passava dum amontoado de madeira cauterizada e folhas de estanho crepitantes.

Ao constatar que as notícias do incêndio teriam seguramente continuado até meados de 1944, Evangeline foi buscar todas as caixas que considerou relevantes, empilhou-as e levou-as para fora dos arquivos, fechando a porta com um golpe da anca. Regressou ao seu gabinete frio e desolado a fim de inspecionar o conteúdo das caixas.

A fazer fé num artigo pormenorizado que fora recortado dum jornal de Poughkeepsie, o incêndio tivera origem num quadrante

indeterminado do terceiro piso do convento e propagara-se a todo o edifício. Uma fotografia a preto e branco cheia de grão mostrava a carcaça do convento, as traves reduzidas a carvão. Uma legenda dizia: «Convento de Milton Arrasado Por Fogo Matinal». Através da leitura do artigo, Evangeline inteirou-se de que seis mulheres, entre as quais se incluía a Madre Innocenta, a abadessa que poderia ou não corresponder-se com Mrs. Abigail Rockefeller, haviam morrido de asfixia.

Evangeline respirou fundo, arrepiada perante a imagem do seu querido lar envolto em chamas. Abriu outra caixa e folheou o conteúdo até encontrar um recorte de jornal revestido de acetato. Em Fevereiro, quinze irmãs tinham-se mudado para a cave do convento, dormindo em catres, tomando banho e fazendo as refeições na cozinha a fim de poderem ajudar à reparação das instalações. Prosseguiram com a sua rotina regular na Capela da Adoração, que escapara incólume ao fogo, entregando-se à sua hora de adoração como se nada tivesse acontecido. Enquanto passava os olhos pelo artigo, Evangeline deteve-se abruptamente numa frase mais para o fim da página, num parágrafo que descrevia os trabalhos de reconstrução. Para seu grande espanto, leu:

Não obstante a destruição quase total do convento propriamente dito, há conhecimento de que um generoso donativo procedente da família Rockefeller irá permitir que as Irmãs Franciscanas da Adoração Perpétua devolvam o Convento de Santa Rosa e a sua Igreja de Maria dos Anjos ao seu estado original.

Evangeline tornou a guardar os artigos dentro das respectivas caixas, empilhou-as umas em cima das outras e levou-as novamente para o arquivo. Ao deslocar-se para o fundo da sala, desencantou uma caixa com a seguinte etiqueta: EFEMÉRIDES 1940-1945. Se a Madre Innocenta tivesse tido contacto com personalidades tão ilustres com Abigail Rockefeller, as cartas teriam sido arquivadas juntamente com aqueles documentos. Evangeline pousou a caixa no chão frio de linóleo e agachou-se diante dela. Descobriu uma ampla variedade de registos relativos ao convento — recibos de

vestuário, sabão e velas, um programa das celebrações natalícias de 1941 em Santa Rosa, várias cartas trocadas entre a Madre Innocenta e o chefe da diocese respeitantes à chegada de novícias. Para sua grande frustração, não conseguiu encontrar mais nada.

Era possível, cogitou Evangeline enquanto devolvia os documentos à respectiva caixa, que os documentos pessoais da Madre Innocenta estivessem arquivados noutra sítio. Havia diversas caixas onde os poderia encontrar — a Correspondência da Missão ou as Obras de Beneficência no Estrangeiro pareciam-lhe especialmente prometedoras. Já se preparava para passar à caixa seguinte quando reparou num envelope de cor clara encafuado debaixo dum maço de recibos relativos aos abastecimentos da igreja. Quando o puxou, verificou que estava endereçado à Madre Innocenta. O remetente estava escrito numa caligrafia elegante: «Mrs. A. Rockefeller, 10W. 54th Street, Nova Iorque, Nova Iorque.» Evangeline sentiu o sangue a subir-lhe à cabeça. Existira de facto uma ligação entre a Madre Innocenta e Abigail Rockefeller.

Observou o envelope com toda a atenção e, em seguida, deu-lhe umas pancadinhas ao de leve. Uma folha de papel fino caiu-lhe nas mãos.

14 de Dezembro de 1943

Prezada Madre Innocenta,

Envio-lhe boas notícias referentes aos nossos interesses nas Montanhas Rhodope, onde os nossos esforços têm revelado excelentes resultados. Os seus conselhos ajudaram aos progressos da expedição, e atrevo-me a dizer que as minhas próprias contribuições também foram úteis. Celestine Clochard chegará a Nova Iorque no início de Fevereiro. Em breve terá mais notícias. Até lá, com os meus melhores cumprimentos,

A. A. Rockefeller

Evangeline ficou embasbacada a olhar para a carta que segurava entre as mãos. Escapava ao seu entendimento. Por que haveria alguém como Abigail Rockefeller de escrever à Madre Innocenta?

Que significado atribuir aos «nossos interesses nas Montanhas Rhodope»? E por que motivo a família Rockefeller decidira custear as obras de recuperação de Santa Rosa após o incêndio? Não fazia qualquer sentido. Os Rockefeller, ao que era do conhecimento de Evangeline, não eram católicos nem tinham qualquer ligação à diocese. Ao contrário das restantes famílias da Idade de Ouro — os Vanderbilt vieram-lhe de imediato à memória —, não possuíam um número considerável de propriedades nas redondezas. Não obstante, tinha de haver uma explicação para um donativo tão generoso.

Evangeline dobrou a carta de Mrs. Rockefeller e guardou-a dentro do bolso. Ao sair dos arquivos e entrar na biblioteca, sentiu imediatamente a diferença de temperatura — a lareira aquecera a divisão em demasia. Retirou a carta que escrevera a Mr. Verlaine da pilha e levou-a até à lareira. Quando as chamas lambeam a ponta do envelope, traçando um leve rasto negro no laço de algodão cor-de-rosa, uma imagem da mártir Rosa de Viterbo aflorou ao espírito de Evangeline — um produto fugaz da imaginação duma rapariga esbelta a resistir a uma fogueira ao rubro —, desaparecendo num ápice, como se tivesse sido levada por uma espiral de fumo.